UM POR UM, colei o resto dos adesivos. Não sobrou espaço no final, então eles acabaram cobrindo parte das letras. Depois, olhei para minha lista de afazeres cheia de estrelas e aproveitei a sensação de sucesso.

Foi a primeira coisa que fiz quando cheguei em casa. De alguma forma, consegui riscar quatro itens em um único dia. *Quando a vida te dá limões, você faz limonada... certo? Mas, pensando bem, isso sequer conta como limões?*

Graças àquela briga que tivemos, decidi mudar. Estava disposta a repensar minha mentalidade de "apenas Shimamura" e começar a levar outras pessoas em consideração. Não, sério, eu estava totalmente bem com isso! Amanhã, seguindo a sugestão da Shimamura, combinamos de sair em grupo com amigas — no caso, Nagafuji e Hino. Pelo visto, eu podia escolher o lugar, e elas iriam felizes junto comigo.

"…Ugggghhh…"

Parecia que estavam com pena de mim, e só de pensar nisso me dava vontade de arrancar os cabelos. *Ugh, quem eu estou querendo enganar? Elas devem me achar uma perdedora patética!*

"…Ah, mas…"

Me inclinei para frente e peguei a lista de afazeres. Se eu teria que suportar essa encenação humilhante de qualquer jeito, então pelo menos poderia escolher um lugar que servisse aos meus objetivos. Era ambicioso demais? Sim, mas eu gostava disso em mim mesma. Recentemente, aprendi uma nova lição de vida: *quem não chora, não mama.* A única razão pela qual não aprendi isso antes era porque… bem… eu nunca tinha realmente *desejado* nada até agora.

Passei o dedo pelo papel, pensando no meu próximo desafio. Todos os itens da lista envolviam fazer algo com a Shimamura, então, se outras pessoas estivessem por perto, isso limitaria minhas opções. Além disso, eu tinha escrito palavras demais em cada linha, deixando a lista praticamente ilegível. Olhando agora, percebi que aquilo era a prova do quão animada eu estava no começo das férias de verão.

*Será que a Shimamura realmente está gostando dessas férias idiotas comigo…? Não, eu não devia chamá-las de idiotas.* Ela estava se esforçando para ser atenciosa com os meus sentimentos. Mas eu tinha que admitir, não me sentia exatamente lisonjeada por ela me tratar com tanto cuidado, como se eu fosse frágil, quando tínhamos a mesma idade. Sua gentileza parecia *morna* e, diferente de um calor verdadeiro, não era uma temperatura que eu conseguia suportar por muito tempo. Simplesmente não era confortável.

Dito isso, gentileza forçada ainda era gentileza, de certa forma. O mundo podia ser surpreendentemente bom para mim, e eu não sabia muito bem como me

sentir em relação a isso. Mas, em vez de recuar com medo, eu sabia que o certo a fazer era retribuir esse afeto. Minha missão era aprender a ser uma pessoa decente: *fazer amigos, amar o próximo, honrar pai e mãe.* Em outras palavras, me importar com as pessoas.

"É..."

*Acho que é isso*, pensei comigo mesma, encolhendo os joelhos contra o peito. Eu tinha ignorado tudo que não entendia, e agora isso tinha voltado para me assombrar. Como uma onda gigante, me puxava para baixo e me arrastava para o mar.

Engoli em seco. Duas vezes. Estava tão sedenta que até minha saliva havia secado. Então, apoiei a cabeça na parede e, quando fechei os olhos, comecei a ouvir um som fraco, como o farfalhar de fios entrelaçados. Mas, diferente do zumbido das cigarras, esse som não vinha de fora. Ele vinha de dentro.

***

*3. Shimamura me deixa segurar sua mão e nos divertimos juntas.*

Tecnicamente, eu já tinha conseguido a primeira metade, então colei meio adesivo. Mas o que eu faria sobre a segunda metade?

"Diversão" geralmente acontecia em um grande grupo — pelo menos de acordo com o senso comum. (Pessoalmente, eu não via muito sentido nisso, mas escolhi ignorar meu instinto e confiar na sabedoria popular.) Com isso em mente, ir à piscina estava fora de questão. Piscina era relaxante, não emocionante. *Quer dizer, talvez o traje de banho da Shimamura me causasse alguma emoção, mas não era esse o ponto. Não, sério, eu juro.*

Depois de muito quebrar a cabeça, acabei escolhendo o karaokê. Eu me lembrava de já ter ido ao karaokê com elas antes e, como não conseguia pensar em um lugar melhor, escolhi exatamente o mesmo — igual a um idoso que compra o mesmo modelo de carro repetidas vezes. Eu não tinha senso de aventura; não era corajosa o suficiente para sair do ninho.

Tínhamos combinado de nos encontrar do lado de fora da estação de trem e, por algum motivo (minha natureza, talvez?), eu mais uma vez cheguei antes da hora marcada. Ninguém mais tinha chegado ainda. Será que eu era só uma perdedora com tempo demais nas mãos? Bem... considerando que eu acumulava cada minuto sem nunca gastá-los em atividades sociais, talvez a resposta fosse sim. Mas agora a Shimamura estava me pedindo para encontrar algo que preenchesse esse vazio.

O único problema era... eu tinha a estranha sensação de que poderia acabar sendo enterrada viva.

“Oh…”

Enquanto esperava na sombra, perto do ponto de táxi, ouvi uma voz baixa que parecia direcionada a mim. Olhei por cima do ombro e me vi cara a cara com uma garota que eu não conhecia — alta, de óculos, provavelmente da minha idade. Mas, apesar de eu não reconhecer essa pessoa nem um pouco, ela me encarou por tanto tempo que comecei a pensar que talvez já a tivesse visto antes. Ficou parada por um instante, então se virou e apressou o passo em direção à estação de trem.

Sozinha, inclinei a cabeça. Quem era ela? Nos últimos anos, eu só havia falado com um punhado de pessoas, então as possibilidades eram extremamente limitadas, e mesmo assim eu não conseguia situá-la. Antes que eu pudesse terminar de vasculhar minha memória, no entanto, Shimamura chegou — dessa vez de bicicleta, provavelmente porque a estação ficava longe da casa dela.

Ela estava usando um chapéu clochê branco, daqueles bem antiquados, mas era formal demais para fazer parte do guarda-roupa dela, então provavelmente o pegou emprestado da mãe. Claramente um chapéu de vovó.

“Bom dia! Quer dizer, acho que já passou do ‘dia’… Enfim, oi!”

Ela parou ao meu lado e ergueu a mão brevemente em cumprimento. Sua voz suave e seu sorriso caloroso combinavam bem com a fita fina amarrada ao redor da aba do chapéu, dando a ela uma estética diferente hoje.

“Ah… oi.”

Eu queria parecer tranquila e descontraída, mas acabei tropeçando logo na primeira palavra. Nesse ponto, comecei a me perguntar se toda tentativa minha estava fadada ao fracasso absoluto.

“As outras ainda não chegaram?”

“Não.”

“Elas sempre se atrasam, sério. Não sei se a culpa é da Hino ou da Nagafuji.”

“É…”

Silenciosamente, entrei em pânico. *O que a gente faz agora?* Isso sempre acontecia quando eu estava com ela — eu tentava demais ser perfeita, acabava pensando demais em tudo e agia como uma completa esquisita no processo. Você pensaria que alguém tão tímida quanto eu conseguiria simplesmente ficar calma, mas meu cérebro nunca me deixava. Até hoje, a Shimamura poderia me destruir apenas existindo.

Que tipo de conversa levaria a “diversão”? Eu não conseguia encontrar as palavras. Em vez disso, o que eu tinha eram perguntas: *Você se irrita sempre que estou por perto? Você odeia interagir comigo?* Eu queria perguntar, mas não conseguia dar o passo. O que eu faria se ela dissesse sim?

Pensando bem, ela já tinha *dito* que eu era irritante uma vez. Foi isso que me motivou a mudar em primeiro lugar, e agora aqui estava eu, esperando por algo que não fosse ela. Então, finalmente, esse “algo” chegou: Hino e Nagafuji andando de bicicleta, com Nagafuji atrás de Hino. Aparentemente, Nagafuji ainda não sabia andar de bicicleta.

Se *eu* fosse tão indefesa assim, será que a Shimamura *me* daria carona? Eu olhei o rosto dela de perfil. *Não, provavelmente não*. Ela poderia me ajudar até certo ponto, mas nosso relacionamento nunca chegaria tão longe quanto o de Hino e Nagafuji. Estava faltando um elemento chave — afeto, ou paixão, ou algo assim. Eu não conseguia descrever com precisão; só conseguia ver uma visão turva de um contorno vago, como se estivesse olhando para as profundezas do oceano.

“Desculpa pelo atraso. A culpa é quase toda da Nagafuji,” disse Hino.

“O quê? É mesmo?” perguntou a própria culpada.

Hino se virou para olhar para ela. “*Sim*, bobona!”

“Tá bom, então deve ser, né,” ponderou Nagafuji.

Foi uma… troca de palavras charmosa, eu acho. Ficava claro o quanto a Nagafuji confiava plenamente na Hino.

“Então, vejo que não estamos de uniforme hoje,” continuou Hino, em vez de cumprimentar.

*O quê? Você realmente achou que a gente ia usar o uniforme nas férias de verão?*

“Não usamos da última vez também.”

“A gente não usou? Não, acho que usou… Bem, não tem por que ficar falando sobre isso,” Hino deu de ombros para si mesma. Nagafuji assentiu enfaticamente, o que sempre era um bom sinal de que ela não fazia a menor ideia do que estávamos falando. “Tá, então vamos logo!”

E assim, as atrasadas lideraram o caminho até o karaokê. O karaokê foi minha sugestão, mas como a Hino conhecia muito melhor a cidade do que eu, eu deixei

que ela tivesse a palavra final sobre onde iríamos. E então, eu segui atrás, me sentindo como uma estranha em um tour guiado pela minha própria cidade.

A bicicleta de Hino foi na frente, seguida pela de Shimamura, e depois a minha. Seja de forma consciente ou inconsciente, eu sempre acabava na periferia de qualquer grupo que tentasse me juntar. Se os relacionamentos interpessoais fossem um quebra-cabeça, eu seria uma peça que não se encaixava em lugar nenhum — posta de lado e esquecida. Eu algum dia encontraria alguém com quem realmente me conectasse?

“Shimamura?”

Enquanto eu ficava para trás de Shimamura, chamei seu nome. Ela se virou e me olhou com aquele olhar de *o que foi?*

“Você gostaria de… talvez… cantar um dueto de novo?” sugeri, apressada. Como esse passeio foi algo mais espontâneo, eu não tinha decorado nenhuma música de antemão, mas com certeza tínhamos pelo menos uma em comum.

“Não me importo,” ela assentiu sem hesitar. Olhou para a estrada à frente e depois voltou a olhar para mim. “Mas o que a gente vai cantar?”

“Vamos descobrir quando chegarmos lá.”

Eu fiz parecer tão simples, mas, na verdade, eu não fazia a menor ideia de como íamos "descobrir" isso. Não é como se o livro de músicas fosse magicamente nos dizer quais faixas ambas conhecíamos a letra. Mas, em resposta, Shimamura sorriu e voltou a olhar para a estrada.

Foi aí que percebi o quanto era *aliviador* conversar com ela. Era reconfortante, mas ao mesmo tempo, também era estressante. Não pude deixar de me perguntar se ela realmente estava ouvindo uma palavra do que eu dizia.

Chegando à sala de karaokê atrás da estação de trem, entramos na sala que havíamos reservado. O layout era parecido com o do outro lugar onde fomos, exceto que as luzes estavam extremamente brilhantes; eu já podia sentir a vista cansando.

Dessa vez, consegui me sentar ao lado da Shimamura. Não só isso, mas ela sentou na ponta do sofá, então fui a única que pude ficar ao lado dela. Senti uma onda de alegria ao colocar minha bolsa no chão.

Então, percebi que as outras duas esperaram nos sentarmos antes de se posicionarem. Talvez tenham se segurando de propósito. Eu podia admitir: ambas eram "boas pessoas", por assim dizer, e eu estava grata por isso.

Em seguida, Hino pegou o microfone e começou a cantar sem nem mesmo escolher uma música. "Beleza, vou primeiro! *E nessa loucura*—"

"Para com isso," Nagafuji a repreendeu imediatamente.

"Tá bom," Hino encolheu os ombros.

"*Déjà vu*," murmurou Shimamura distraidamente, e eu me senti inclinada a concordar.

"Bem, então, vamos começar a cantar, acho! Não temos exatamente uma rotina de comédia preparada," ponderou Hino. *Quem disse algo sobre uma rotina de comédia?*

"Muito bem! Então, eu vou começar!" declarou Nagafuji, levantando-se e arrebatando o microfone de Hino.

"Ei! Me dá!" Ela ficou na ponta dos pés, tentando pegá-lo de volta, mas Nagafuji já havia escolhido sua música.

Era uma música sobre *fazer croquetes*, dentre tantas opções. Enquanto Nagafuji dançava pela sala, Hino se juntou no meio da música, enquanto Shimamura e eu ficamos sentadas, assistindo em silêncio. Quando a música terminou, Nagafuji se dirigiu ao público.

"Obrigada, obrigada. Essa foi a música tema do Açougue Nagafuji."

"Mentirosa! Vocês comeram *repolho* ontem à noite!"

"Para constar, era *salada de repolho com missô*, e estava deliciosa."

"Me dá isso!" Hino arrancou o microfone dela e então olhou para cada uma de nós. "Ok, quem vai ser a próxima?"

"Espera, vamos em turnos?"

"É assim que funciona, amiga!"

Nisso, meus olhos se encontraram com os de Shimamura. Ainda não havíamos decidido nada. Ela colocou o cardápio que estava segurando e pegou o microfone de Hino.

"Bem, o que devemos cantar?" ela perguntou diretamente no microfone, por algum motivo. Ela estava me perguntando ou a si mesma?

Enquanto isso, eu estava pensando em algo completamente diferente: Hino e Nagafuji estavam sempre juntas, mas ainda assim conseguiam ser sociáveis com

outras pessoas ao mesmo tempo. Na verdade, elas até conseguiam tolerar alguém tão antissocial quanto eu. Então, o que elas tinham que eu não tinha? Se eu perguntasse a elas, será que saberiam a resposta?

“O que significa fazer amizade com as pessoas?”

Eu não sabia, e nenhuma quantia de pensamento me ajudaria a descobrir, então minha única opção era buscar conselhos. As três trocaram olhares. Minha pergunta foi muito estranha?

Então, no meio da tensão constrangedora, Nagafuji falou. “Shimamura-chee!”

Com os dois braços estendidos, ela correu até a Shimamura, que recuou em alarme. Então, ela a derrubou.

“Boom!”

Shimamura foi jogada para trás; Nagafuji cambaleou até mim e então fez um sinal de paz.

“E aí está!”

“Uh… ok…”

“Eu garanto,” ela insistiu com um aceno firme.

Pelo canto do olho, pude ver Hino escondendo o rosto na mão.

“Por outro lado, talvez ‘Shima-chee’ soe melhor?”

Nagafuji inclinou a cabeça para mim; eu olhei dela para Shimamura e de volta. “Talvez,” respondi, desviando o olhar. Até eu percebia que estava agindo de forma estranha de novo.

“Podemos ir um passo além com ‘Ma-chee’…”

A essa altura, eu me irritei. *Você não pode simplesmente chamá-la de qualquer coisa aleatória! “Ma-chee” não combina com ela!* Por alguma razão, eu sentia que a parte “Shima” era um elemento essencial de qualquer apelido para Shimamura, embora não tivesse uma base real para isso. Para mim, “Shima” era a essência de quem ela era como pessoa, e ninguém poderia me convencer do contrário.

“Uhhh… Basicamente, o que Nagafuji está tentando dizer é… Na verdade, não faço ideia. O que você está tentando dizer?”

Hino tentou fazer o papel de intérprete, mas rapidamente desistiu. Nagafuji apoiou a bochecha na mão e inclinou a cabeça. “Você não entende, minha querida?”

“Se eu entendesse o que você entende, todos os dias seriam um pesadelo,” Hino respondeu com ironia. Shimamura reagiu com um sorriso, e só então eu ri junto com elas — uma risada fraca que fez cócegas no meu queixo ao sair dos meus lábios. “Ah, eu já desisti de te entender. De qualquer forma, se vocês não decidiram, então eu vou em seguida.”

Ela pegou o microfone de volta e começou outro dueto com Nagafuji. Mas enquanto *aquela* metade da sala estava se divertindo muito, parecia que alguém tinha puxado o tapete debaixo de mim, e agora eu estava em queda livre.

Minhas costas coçavam. Com as mãos no colo, naturalmente, acabei curvada. Cada vez que eu respirava esse ar fresco, ele me lembrava de como eu estava morta por dentro. Parecia que havia um bloqueio no meu cérebro, impedindo todas as funções neurais.

Eu podia sentir uma espécie de sussurro vindo e indo nos meus ouvidos, algo separado das vozes que ecoavam até o fundo da minha cabeça. De quem era essa voz que fazia minha pele se arrepiar? Quando tentei focar todos os meus sentidos nela, parecia que eu estava ficando louca.

*Será que estou realmente pior do que no ano passado? Por que sou sempre tão inútil? Por que estou aqui, afinal?*

O esforço provavelmente estava estampado no meu rosto, porque Shimamura envolveu minha cabeça com os braços e começou a afagar meu cabelo. As outras ainda estavam no meio da música, então foi algo bem repentino, mas mal registrei. Eu estava tão distante que parecia que outra pessoa estava reagindo a isso, não eu.

Seus dedos passavam suavemente pelo meu cabelo, e parecia que eu podia ouvir ela me elogiando silenciosamente por estar tentando o meu melhor.

***

Para ser perfeitamente honesta, foram cinco horas da minha vida que eu queria poder ter de volta. Meus ombros estavam tensos, minha garganta seca e minhas costas suadas. Quando é que isso deveria começar a ser divertido e libertador?

"O que devemos fazer para o jantar? Comer em algum lugar?" Hino perguntou enquanto saíamos. Ela e Nagafuji tinham cantado a maior parte das músicas, e suas vozes estavam roucas.

Um grupo passou por nós na rua, indo na direção oposta, tendo o que parecia ser a conversa mais empolgante de suas vidas. Um deles estava até se segurando de tanto rir. Com certeza, diversão e jogos só podiam prosperar em grandes grupos... Parecia até que estavam fazendo questão de esfregar isso na minha cara.

"Espera, então você não quer jantar na minha casa? Já pedi para meus pais fazerem comida extra para você," comentou Nagafuji, já posicionada na bicicleta de Hino.

"Ah, sério? Então, nesse caso, vamos seguir nossos próprios caminhos por aqui," Hino respondeu, retirando a sugestão, e eu fiquei grata a Nagafuji pela ajuda não intencional. "Até mais, pessoal! Quem sabe no próximo semestre? Ou talvez nos encontramos de novo antes disso."

"Nós literalmente vamos nos encontrar amanhã..."

"Eu me referia a *elas*, não a você e a mim!"

Enquanto elas pedalavam para longe, eu fiquei olhando em silêncio. Era como se eu tivesse acabado de fazer minha lição de casa — minha cota de atividade social do dia — e era exatamente essa parte de mim que me deixava tão frustrada comigo mesma.

"Não foi muito divertido para você, né?"

Eu olhei para cima. Shimamura ainda estava ali, me encarando com um sorriso sem graça no rosto. Ela estava completamente certa, claro, e eu não tinha resposta. No passado, eu conseguia arranjar uma boa contra-argumentação, mas agora eu não conseguia nem encontrar palavras para suavizar as coisas. Com certeza, algo em mim havia mudado.

Mas será que foi uma mudança para pior?

"Eu sei que é assim que você é, Adachi."

Eu percebi que ela não estava apenas dizendo da boca para fora — ela realmente estava falando sério. Ela sabia tão bem quanto eu que eu não servia para mais nada além da solidão.

"Mas a questão é que eu..."

Nesse momento, um toque de celular alto a interrompeu. O dela, claro, não o meu.

Meus dedos se moveram instintivamente, em um reflexo de alarme. Ela tirou o celular da bolsa e olhou para a tela. Seus olhos se estreitaram e ela franziu a testa.

Uma nuvem escura se instalou sobre meu coração. Eu queria tanto arrancar o telefone da mão dela e olhar eu mesma; esse impulso mantinha o sangue correndo nas minhas veias, mais forte do que qualquer instinto de sobrevivência. Não estava claro se Shimamura percebia os meus sentimentos a esse respeito, mas de qualquer forma, ela guardou o celular sem atender.

"Vou ligar de volta mais tarde."

Era difícil dizer se ela realmente estava sendo atenciosa ou só estava sendo preguiçosa.

"Enfim, onde eu parei? Ah, sim. Eu quero que você..."

"Está tudo bem," eu cortei com um tom ríspido, como se tivesse medo de ouvir o resto. Então, antes que o rosto congelado dela pudesse se recuperar, continuei: "Eu vou ficar bem. Tá?"

Eu estava tão desesperada, tão pronta para fazer *qualquer coisa* para mantê-la por perto. E eu devia ter soado como uma criança mimada, porque a apreensão dela ficou bem evidente. Mesmo assim, ela não insistiu. Ela não era do tipo de pessoa que faria isso.

"Tá, então."

Repetidamente, eu engolia outro "tá" vazio junto com a minha saliva. Ela começou a dizer algo, mas desistiu. Então, levantou a mão e fez um pequeno aceno.

"Até mais."

"...É."

Tardiamente, eu acenei de volta. *Isso é o melhor*. A aceitação se instalou, embaçando e desvanecendo como uma imagem residual. Normalmente, eu teria seguido ela até em casa, mas essa era exatamente a coisa que eu devia *parar* de fazer, então, por mais que eu quisesse continuar discutindo com ela, eu tinha que deixá-la ir. Essa era a ideia compulsiva que me mantinha presa ao lugar.

Antes de desaparecer, Shimamura olhou por cima do ombro. Talvez ela tenha sentido que algo estava errado. Nossos olhares se cruzaram, e ela me acenou novamente; eu acenei de volta, levemente. Então ela se virou de volta para a estrada e pedalou sem olhar para trás. Ela deslizou pelas calçadas e interseções, na direção de sua casa, até eventualmente sumir.

Eu não queria que ela parasse, nem conseguia encontrar forças para correr atrás dela. Tudo doía, especialmente meus olhos. Soltei um suspiro pesado e dolorido. Então fiquei ali, com as mãos no guidão da minha bicicleta, sozinha com meus pensamentos. Todo o resto — o riso, os passos — desapareceu no fundo enquanto eu lutava para encontrar a razão pela qual eu estava ali. Eu precisava de algo que me convencesse de que eu havia usado meu tempo sabiamente.

O zumbido das cigarras flutuava pelo ar, misturando-se com os sons dos trens da estação próxima. Mas eu não conseguia ver nenhuma árvore por aqui, então onde estariam esses pequenos insetos?

Depois de um longo e agonizante momento gasto sem sucesso, comecei a pedalar na direção da minha casa. Embora ambas ameaçássemos cair completamente, coloquei os pés nos pedais e, à medida que ganhava velocidade, alucinei que estava pedalando diretamente nas rodas. Eu podia ouvir um som estranho de rangido — talvez algo estivesse preso na corrente da bicicleta. Mas eu não tinha como consertar isso, então continuei, me agachando cada vez mais enquanto seguia.

Ao longe, ouvi algo que parecia o estalo de fogos de artifício. Ainda estava claro demais para ver suas cores, mas provavelmente haveria outro festival mais tarde naquela noite. Até agora, durante as férias de verão, minhas noites eram interrompidas por fogos de artifício quase uma vez por semana. Esta era nossa grande temporada de turismo, e os negócios estavam *bombando*, literalmente.

Mas o som dos fogos de artifício trouxe algo sinistro à minha mente: a visão de Shimamura indo embora de mim com outra pessoa, explorando o festival com uma garota cujo nome eu ainda não havia aprendido. Será que ela estava chamando ela agora mesmo enquanto eu ainda estava indo para casa? Minhas mãos apertaram o guidão até os músculos das minhas palmas doerem, mas eu continuei, me punindo por ficar com ciúmes de novo.

À medida que o sol se afundava abaixo do horizonte, o pôr do sol escorregava para o lado, arrastando as nuvens com ele. Eu sabia que precisava olhar para onde estava indo, então olhei para cima, mas de repente me vi à beira das lágrimas.

Eu tentei tanto ser amiga de todas elas, então por que eu estava sozinha agora?

No momento seguinte, percebi que minhas pernas haviam parado de pedalar. Coloquei os pés no chão, deixando o calor crescente molhar minhas costas. Eu podia sentir minha mente ficando mais afiada. Em particular, a parte de trás do meu pescoço estava especialmente quente, quase como se estivesse envolta em vapor. Era semelhante à coceira que eu sentia sempre que usava um casaco

pesado no inverno, e isso me deixava inquieta. Minha visão vacilava, e a cidade começava a girar ao meu redor, até que eu não aguentava mais.

“Não...”

Eu dei um impulso, e os engrenagens na minha cabeça começaram a girar em sincronia com as rodas da bicicleta, cada vez mais rápido, cada vez mais rápido, até que eu pude sentir o atrito começando a queimar, e uma vez que ele preencheu cada cantinho do meu crânio, eu gritei:

“Isso simplesmente NÃO IMPORTA!”

Nada disso tinha a ver comigo. Eu pensei que talvez pudesse consertar minhas tendências de lobo solitário e viver feliz para sempre em um grande grupo de amigos, mas... Eu tinha um pressentimento...

*Isso está errado.*

Finalmente, o sussurro que eu sentia antes se fez ouvir de forma clara e nítida. Cada fibra do meu ser estava gritando, aterrorizada com a aniquilação iminente.

“Isso está errado! TUDO ISSO ESTÁ ERRADO!”

E daí se eu estava em público? Isso não iria me parar. Eu era um fogo de artifício humano, explodindo e liberando tudo o que eu tinha guardado dentro de mim. Eu não estava nem um pouco “bem”.

“Eu NÃO QUERIA ISSO!”

A única pessoa com quem eu queria passar o dia hoje era a Shimamura. Eu sabia, sem sombra de dúvida, que eu estava mais feliz assim; era por isso que sempre fazia papel de idiota, me esforçando para empurrar as coisas nessa direção. *Esse* era o caminho ideal para mim, não me enterrando no meio de um grupo. O que eu estava pensando? Nem as cigarras conseguiam ficar embaixo da terra para sempre. A única vez que eu queria estar tão enterrada assim era quando morresse.

Eu poderia ter cem amigos diferentes e ainda assim eles não chegariam nem perto de uma Shimamura. Não poderiam alcançar a altura da grandeza dela, mesmo que se empilhassem como folhas de *nori*. Finalmente, agora eu entendi: eu não era obrigada a viver minha vida de acordo com os padrões dos outros. Shimamura e eu éramos pessoas muito diferentes, mas eu gostava disso. Foi isso que me atraiu nela no começo.

Minhas pernas pedalavam tão forte que eu achei que meus ossos poderiam se soltar. As rodas voavam pelo asfalto a uma velocidade impressionante. Em algum momento eu me coloquei em pé, e agora eu estava correndo pela cidade

mais rápido do que nunca tinha pedalado na vida, procurando em vão por alguém que eu sabia que não encontraria.

*Você é tudo o que eu penso, então pare de pensar em qualquer uma que não seja eu! Eu... eu...!*

“Eu te amo, Shimamura! EU TE AMO!”

Era provavelmente a primeira vez que eu dizia isso em voz alta. As emoções saíram dos meus lábios e tocaram minha bochecha na forma de ar fresco,

trazendo uma nova alegria e pânico à minha mente antes confusa. As lágrimas que antes embaçavam minha visão do pôr do sol agora escorriam pelo meu rosto, esfriando minhas bochechas. Minha cabeça estava uma bagunça, por dentro e por fora, mas, ainda assim, a realidade começou a invadir, formando um contorno grosso ao redor de tudo.

Movendo-me na velocidade da luz, eu não tinha mais tempo para me preocupar com meu entorno ou com as pessoas que eu passava na rua. Pela primeira vez, eu estava em um mundo só meu, com uma vista como nenhuma outra. Tudo o que eu não tinha notado no caminho até aqui agora estava espalhado diante de mim: uma cidade ao crepúsculo, pontuada pelas cigarras e o estalo distante dos fogos de artifício. Mas minha bicicleta cortava tudo isso. Eu estava uma volta atrás, e agora eu corria pela agitação em uma luta desesperada para alcançar o fluxo do tempo.

Eu finalmente tinha descoberto o que eu realmente queria fazer nas férias de verão. Entre as incontáveis letras do alfabeto que preenchiam o espaço na minha lista de afazeres, a resposta se destacou claramente para mim…

*Continua na segunda metade do verão.*